



*DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL*

## **Ímpetos de progresso, impressão de pandemônio:**

A vida vertiginosa do Rio de Janeiro em crônicas de João do Rio

Nathália Perry Clark<sup>1</sup>

Renato Cordeiro Gomes<sup>2</sup>



---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Comunicação Social da PUC-Rio

<sup>2</sup> Professor Associado do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio

## Sumário

|  |    |
|--|----|
| Introdução.....                                    | 6  |
| <i>Vida Vertiginosa</i> - seleção.....             | 12 |
| 1. Muito prazer, o Automóvel.....                  | 14 |
| 2. O sopro de civilização.....                     | 18 |
| 3. Em era de automóvel, <i>chauffer</i> é rei..... | 24 |
| 4. “Os encantadores” – a <i>raffiné</i> .....      | 26 |
| 5. “A canalha”.....                                | 29 |
| 6. O homem-máquina.....                            | 32 |
| Conclusão.....                                     | 34 |
| Bibliografia.....                                  | 36 |

## • **Introdução**

### **- João do Rio - O artista do “1900”**

Foi da crônica social que viveu e fez sua fama o cronista por excelência do “1900” e, talvez, o melhor do Brasil na época, João do Rio. Foi na alucinação sem tréguas, na constante mutação das casas, avenidas e ruas que se mexem, se alargam, se transformam, se endireitam, que o cronista com o faro e a fidelidade de um repórter se destacou nas nossas letras. A sua literatura e seu jornalismo não poderiam ter sido diferentes do contexto da época. Seu estilo original e suas colaborações literárias demonstraram legitimamente o frenesi descontrolado e permanente que vigorava na superfície da virada do século no Brasil, que teve em Paulo Barreto – sua verdadeira identidade – um dos nomes mais prestigiados da imprensa emergente.

→ Um velho alfarrabista, João Martins, português de nascimento, vivendo sempre entre velharias, alheara-se pouco a pouco da cidade que se expandia em torno. Passara a detestar o progresso, “esse progresso material e técnico” (Broca, 2004:45), cujas inovações, segundo ele, vinham distrair o povo da leitura. Mesmo sob esse contexto, João do Rio e outros nomes relevantes da imprensa carioca conseguiram atrair de volta e também distrair o público em geral, e principalmente dos jornais, com a literatura.

Paulo Barreto se utiliza de vários pseudônimos para escrever seus milhares de textos, e escolhe João do Rio para o mais prestigiado e mais empregado. Assim, João do Rio legitimou a reportagem como um gênero literário.

O folhetim, no início do século, com as inovações da imprensa, cedeu lugar às crônicas em colunas, que focavam, às vezes, apenas em um assunto; daí evoluiu para a reportagem. Com a crônica já bem desenvolvida e popularizada, Paulo Barreto explorou um subgênero dentro dela, o da crônica de costumes. O olhar sherlockeano e investigativo do cronista buscava avistar a singularidade das coisas miúdas, os detalhes que compõem a personalidade de uma pessoa singular e de uma sociedade como um todo.

Uma das principais inovações que Paulo Barreto – mais conhecido como João do Rio – trouxe para nossa imprensa literária foi a de transformar a crônica em reportagem, por vezes lírica e com vislumbres poéticos. Machado de Assis, Bilac e outros eram cronistas sem o temperamento de repórteres; o primeiro, principalmente,

sabendo comentar com sutileza e finura os acontecimentos populares, mantinha-se deles um tanto distanciado. Capazes de formular as considerações mais irônicas e inteligentes sobre um crime passionai que abalara a cidade, jamais lhes passaria pela cabeça ir à cadeia ver de perto o criminoso e conversar com ele, por exemplo. João do Rio era um cronista do mundo que estava nascendo, Machado, do mundo que estava morrendo.

Sobre essa diferença entre Machado e João do Rio, Sevckenko constata:

*Machado e João do Rio são vias privilegiadas para captar a força e as ressonâncias do impacto tecnológico. Cada um atua como um sensor de registro diferente mas que se completam às maravilhas. Machado, mais velho, cuja sensibilidade se formou no cenário das instituições imperiais, assinala o ímpeto e a velocidade das mudanças, a surpresa dos seus contemporâneos e as resistências erguidas como meios de defesa contra um fluxo que a tudo parecia levar de roldão. João do Rio, mais jovem, cujas possibilidades de carreira se abriram com o advento da República, assinala a ampla difusão, os efeitos de mitificação e os modos de celebração entusiasmados dessas mudanças vertiginosas. (Sevckenko, 1998:52,24)*

Foi essa experiência nova que João do Rio trouxe para a crônica, a do repórter, do homem que, freqüentando os salões, varejava também as baiúcas e as tavernas, os antros do crime e do vício. Subia o morro de Santo Antônio pela madrugada com um bando de seresteiros e ia aos presídios entrevistar os sentenciados. A crônica deixava de se fazer entre as quatro paredes de um gabinete tranqüilo, para buscar diretamente na rua, na vida agitada da cidade o seu interesse literário, jornalístico e humano. Ele também tornou vulgar o hábito das entrevistas.

A produção de Paulo Barreto na imprensa nas duas primeiras décadas do século foi assombrosa. É difícil distinguir, em seus textos, onde termina o jornalismo e começa a literatura. Foi o cronista que se tornou verdadeiro historiador de uma época. Se o artificialismo e a ênfase repontam não raro nas suas páginas, é porque nisso se encontravam os principais traços da época. Imitava os cronistas parisienses e cosmopolitas num ambiente que fazia tudo por aproximar-se de Paris e tingir-se de cosmopolitismo.

Não só nos contos e nas crônicas, mas na própria atitude, demonstrava um tipo “requintado, aristocrático, displicente, meio cínico, que ele compôs procurando, até certo ponto, irritar, chocar, escandalizar o meio carioca do ‘1900’” (Broca, 2004:111). Crônicas que seduzem por tudo quanto refletem dos vícios, do *frisson*, das nevroses da sociedade.

Também nas páginas do *Pall-Mall-Rio*, sob o pseudônimo de José Antônio José, Paulo Barreto comprova a onda de futilidade, de prazeres, de inebriamento, que continuava a envolver o ambiente carioca, permitindo a livre expansão de uma literatura

que refletia em todo rigor da palavra o “sorriso da sociedade” (expressão de Afrânio Peixoto); o mundanismo intenso que o Rio então vivia.

Com o livro *Vida Vertiginosa*, João do Rio cria um testemunho histórico que passa tanto por esse mundo cosmopolita e modernizado dos salões da alta sociedade, quanto pelo lado ruim e devastador que essa modernização trouxe para um Rio de Janeiro ainda patriarcal e ingênuo nos seus primórdios de civilização. Demonstra com maestria a constante mudança no cenário urbano e físico da cidade e no espírito e personalidade da população.

### **- Objetivo da pesquisa**

O objetivo do trabalho era, inicialmente, estudar os textos de João do Rio que estivessem no periódico *A Notícia*, coletados ou não em livro. Os textos deste veículo foram escritos no período de novembro de 1907 a dezembro de 1911, e abrangem cerca de 105 crônicas, publicadas somente em periódicos e mais 44 contidas em livros como *Cinematographo*, *Os dias passam*, *Pall-Mall-Rio*, inclusive no volume *Vida Vertiginosa*, entre outros.

Devido à precariedade dos microfilmes, a consulta às fontes primárias não surtiu a eficácia esperada. O material adquirido na Biblioteca Nacional estava em péssimas condições de conservação e quase ilegível na maioria das vezes. A pesquisa, portanto, teve de tomar outra diretriz.

Tomou-se como ponto de partida a reedição de 2006 do livro *Vida Vertiginosa*, que se constitui, num primeiro momento, de uma coletânea de 25 crônicas de João do Rio. Os textos têm como foco comum o advento da modernidade, o progresso tecnológico e toda a fase de mudança que o Rio de Janeiro passava na virada do século XIX para o XX, e suas conseqüências na forma de percepção e comportamento dos indivíduos daquela sociedade em ascensão.

“*Vida Vertiginosa* é fruto de uma criteriosa seleção de textos distintos no ano de suas autorias, mas unidos pela temática comum das transformações ocasionadas pelas reformas do ‘bota-abaixo’, de Pereira Passos, na psicologia do carioca” (Rio, 2006:XVI), e a pertinente influência européia e principalmente parisiense nos costumes e na mentalidade do brasileiro da capital de então.

É uma coletânea de 25 dos mais de 650 textos que João do Rio produziu, dentre os quais, alguns que não se encontravam em periódicos, no período de junho de 1905, quando é publicada a primeira crônica, “O fim de um símbolo”, na revista *Kosmos*, a

agosto de 1911, em cinco veículos diferentes – incluindo o periódico *Gazeta de Notícias*, “o jornal mais literário da época” (Broca, 2004:109).

O suporte material dá toda uma nova reconfiguração para os textos, que passam a possuir um significado específico dentro do todo. O cronista não escolheu a esmo o que iria constituir o livro. “O material passa por criteriosa seleção, para que o livro tenha organicidade interna: não é simplesmente um amontoado aleatório de textos”. (Gomes, 2005: 32). A seleção foi um processo de construção simbólica de uma possível e fiel representação do que era a modernidade que se apossava da então capital da República, naqueles tempos que se convencionou chamar de a *Belle Époque* carioca. As crônicas que o compõem representam o Rio de Janeiro no processo de modernização.

Os textos escolhidos, ao fazer parte do novo suporte, ganham autonomia. Deixam de ser fragmentos distintos uns dos outros, para ser fragmentos que vão ajudar a construir o significado de um todo, o livro, que parece incorporar toda a conjuntura da época. Neste sentido, pondera Renato Gomes:

*A prática escritural de João do Rio, ao recolher dos periódicos o material que estrutura o livro, revela que essa outra materialidade articula outra dimensão temporal e estabelece um novo regime discursivo, não mais considerando apenas cada crônica, esse gênero volátil, em sua autonomia (descartável como no jornal), mas materializado nas seqüências narrativas, que com os fragmentos compõem um novo todo, enfeixado num novo objeto, na tentativa de superar o efêmero e de buscar outra duração, que salve do tempo a escritura, aquela mesma que se submete à tirania dos dias. (Gomes, 2005:35)*

Após uma análise minuciosa do *João do Rio: Catálogo Bibliográfico* (1994), organizado por João Carlos Rodrigues, foi possível perceber que alguns textos do mesmo período e, muitas vezes, dos mesmos periódicos (como por exemplo, a crônica “Convencidos e incontentáveis”, de *A Notícia*, 1908, sobre os dois tipos do carioca: o que acha que tudo aqui é o melhor do mundo, e o que acha exatamente o contrário; ou “O momento”, da *Gazeta de Notícias*, de 1909, sobre a decadência moral da sociedade brasileira), ainda que tratassem de assuntos da mesma natureza, não foram incluídos na coletânea.

João do Rio optou pelas crônicas que apontassem para tópicos recorrentes da modernidade e que caracterizassem o sentimento e as mutações por que passou a sociedade de um Rio de Janeiro desejoso de ser civilizado o quanto antes e a todo custo.

O que se destaca nas crônicas que compõem o livro é a atualidade de sua temática. João do Rio, ao escolher apenas 25 dos textos que escreveu no período, faz uma prévia do que seria a Modernidade – à época ainda em seus primórdios. Gomes

acentua: “surpreende sua aguda consciência em relação aos tempos modernos e seus paradoxos, aos rumos que ia tomando a modernização num país da periferia da modernidade” (Gomes, 2005:42).

Paulo Barreto fotografa discursivamente as transformações da cidade do Rio pela ótica de suas impressões particulares, não deixando de levar em conta o mundanismo e o dandismo de seu caráter pessoal, bem como o faro e a fidelidade do repórter como profissional. “E como repórter moderno, interessava-se pelo avesso do Rio de Janeiro para decifrá-lo” (Gomes, 2005:23). Não é à toa que o cronista se torna verdadeiro historiador de uma época, em todas as suas singularidades.

*O escritor - que incorporou a cidade na sua denominação mais usada (João do Rio) - utilizou pseudônimos para se repartir em mais de dez, cada um com uma peculiaridade, seja ela marcada pelo repórter andarilho, pelo perambulador de ruelas ou dândi dos salões (...) o cronista narrou e, sobretudo, deu conta de toda pluralidade do Rio de Janeiro naquele momento. (Novaes, 2006:13)*

Sobre a multiplicidade de João do Rio, Renato Gomes afirma que ele “faz-se múltiplo, para captar o efêmero, o contingente, o circunstancial, que é o mundo moderno atrelado ao universo urbano marcado pela mudança” (Gomes, 2005:15).

A arte e o estilo de João do Rio estão intimamente ligados à cidade do Rio de Janeiro, então capital da República; e seus textos são obsessivamente calcados na era da Modernidade que se estabelecia. As transformações da época não mudaram apenas o cenário urbano, mas a mentalidade da população. Numa interessante e profunda crônica de costumes ele capta o paradoxo, a contradição, a atração pelo inusitado, o diferente, essências da própria Modernidade que é desvendada, desnudando também os aspectos mais ambíguos do novo tipo de ser humano que emerge e suas frivolidades, principalmente nos textos “O chá e as visitas”, “O reclamo moderno” e “*Modern girls*”.

Ao mesmo tempo em que fixa o símbolo da época que chega, em “A era do automóvel”, o cronista relembra também os de outrora, nas crônicas “O fim de um símbolo” e “O último burro”. João do Rio ainda antevê o frenesi do futuro e suas conseqüências para o psicológico e o corpo humanos, que se transmutam na engrenagem da máquina, com a crônica que encerra o livro, “O dia de um homem de 1920”.

Renato Gomes frisa a função importante que Paulo Barreto desempenhou como historiador de uma época:

*Desse modo, ancorado no presente, partindo da observação do cotidiano, que lhe fornece os assuntos, o cronista não abre mão de testemunhar o seu tempo, de ser seu porta-voz. (...) Nesse sentido, o cronista é observador, testemunho, historiador muito especial de sua contemporaneidade, que tem consciência da fluidez dos fatos e acontecimentos que configuram*

*o cotidiano, tal qual um jornalista, que os cronistas, profissionalmente, também são, quase sempre.* (Gomes, 2005:30).

### **- A propósito da reedição**

A intenção de tomar como mote para a pesquisa a recente reedição do livro *Vida Vertiginosa*, de João do Rio, foi a atualidade de sua temática. Como, através da reunião de textos cujo gênero tem como característica geral registrar fatos cotidianos e comuns, e ser efêmero, o autor conseguiu deixar um legado de registro histórico, marcas do seu tempo e da sua época, que ecoam até hoje, e, muitas delas, persistirão na posterioridade, pois são elementos da Modernidade que só se intensificam e aperfeiçoam de acordo com as necessidades últimas.

A reedição do livro do cronista demonstra que os textos, quando reunidos, deixam de ter um sentido destacado, isolado, apenas particular e restrito, e passam a ter outros sentidos no conjunto. Eles dialogam uns com os outros e relacionam-se entre si, formando significados distintos dos que tinham sozinhos. A relação destes sentidos faz com que o livro tenha unidade. Isto lhe dá uma maior força expressiva e representativa do que as crônicas isoladas nos periódicos.

A sua temática passa a simbolizar o início de uma época, que se propaga em últimas instâncias no mundo de hoje, o que comprova a sua atualidade. Isto acontece não só com *Vida Vertiginosa*, mas com os outros livros de sua bagagem, que passam a ser referência para dados históricos.

Sobre a reedição do livro, João Carlos Rodrigues comenta:

*Vida Vertiginosa é um dos últimos volumes publicados pelo autor em seu período áureo. (...) o que só faz aumentar as qualidades (...) e a oportunidade de sua reedição quase um século depois do seu aparecimento. Poucas vezes na literatura brasileira encontramos um texto tão fragmentado, e ao mesmo tempo tão coerente na sua temática, tão característico de sua época, e paradoxalmente tão contemporâneo. É João do Rio em pleno apogeu.* (Rio, 2006:XXXI).



- ***Vida Vertiginosa – seleção***

*Este livro, como quantos venho publicando, tem a preocupação do momento. Talvez mais que os outros. O seu desejo ou a sua vaidade é trazer uma contribuição de análise à época contemporânea, suscitando um pouco de interesse histórico sob o mais curioso período da nossa vida social que é o da transformação atual de usos, costumes, idéias. Do estudo dos homens, das multidões, dos vícios e das aspirações resulta a fisionomia característica de um poço. E bastam às vezes alguns traços para que se reconheça o instante psíquico da fisionomia. É impossível acoimar de frívola a forma de tais observações. Nem sempre o que é ponderado e grave tem senso. E o pedestre bom senso, de que a ciência é prolongamento, sempre aconselhou dizer sem fadiga o que nos parece interessante... (Rio, 2006:5)*

João do Rio, nesta coletânea, tenta englobar o advento da Modernidade como um todo na sociedade brasileira, representada então pela população do Rio de Janeiro, capital da União; e suas conseqüências. Uma sociedade que se formava capitalista, baseada nos costumes e hábitos europeus e principalmente parisienses, que ansiava por civilização e visibilidade internacional, visando conseguir investimentos e prestígio estrangeiros. Sociedade, aliás, que adorava o estrangeiro.

Em seus textos, o cronista capta a efemeridade dos acontecimentos na nova era, a rapidez e as velocidades advindas da nova racionalidade técnica (como nas crônicas “A era do automóvel”, “O bem das viagens” e “O dia de um homem em 1920”); demonstra a importância do instante, do momento e a necessidade de ser visto e admirado e suas conseqüências para aquela população emergente (em “O povo e o momento”, “O reclamo moderno”, “O muro da vida privada” e “A má língua”); registra a precocidade dos jovens, a desvalorização do amor substituído pelo simples *flirt*; a decadência das academias de ensino e dos próprios professores que criam uma atmosfera de demasiada intimidade com os alunos, o que fortalece o desrespeito (nos textos “*Modern girls*”, “Os sentimentos dos estudantes d’agora”); enfim, tudo que se coloca em constante mutação, como ele próprio, que se reveza em suas diferentes facetas, por exemplo como o cidadão mundano – o dandi, o jornalista ou o artista.

A sociedade que estava, por assim dizer, se modernizando e civilizando aos moldes europeus, tinha como princípio primeiro a valorização do momento presente, do instante, pois tudo na vida moderna é rapidamente passageiro. Portanto, para se conseguir saciar o desejo, não eram medidos esforços. A pressa liderava esse frenesi desvairado, onde tudo se esgota, tudo acaba, tudo recomeça, e tudo tem a “pressa de acabar” (expressão de João do Rio).

Desde as relações amorosas e de amizade, às práticas habituais e cotidianas como almoçar e dormir, no mundo modernizado, é tudo rápido, apressado, efêmero.

Como ressalta o próprio João do Rio na crônica que encerra a coletânea, “O dia de um homem em 1920”: “milhões de homens disparam na mesma ânsia de fechar o mundo, de não perder o tempo, de ganhar, lucrar, acabar...” (Rio, 2006:305).

## 1. Muito prazer, o Automóvel

*A geração nova de então surgia nesse clima, inserida num mundo mudado, capitalista e europeizado, onde ruas arrasaram-se, avenidas surgiram, os impostos aduaneiros caíram, e triunfante o automóvel entrou, arrastando desvairadamente um derramamento de automóveis.* (Broca, 2004:13)

A era começava frenética e arrebatadoramente apressada. A modernidade chegou com a velocidade técnica dos bondes elétricos, mas fez do automóvel o símbolo do moderno. Símbolo este que causava deslumbre e assombro; fascínio e horror; êxtase e medo. Objeto perturbador, de sedução, de desejo. Representava a tecnologia, o conhecimento, o próprio poder do Homem. Síntese das formas rápidas, do mundo globalizado, o automóvel transpôs fronteiras, aproximou as distâncias e encurtou o tempo. Foi consequência da pressa e um dos possibilitadores do cosmopolitismo.

A escolha da crônica “A era do automóvel” para abrir o volume de João do Rio é muito significativa. O veículo era “o grande reformador das formas lentas” (Rio, 2006:9), que chegava para ritmizar a vida vertiginosa e saciar um pouco da ânsia das velocidades. Era o símbolo de uma época, “o novo meio de transporte, destruidor do bucolismo ultrapassado dos tempos idos” (Rio, 2006:XVI), o combustível que possibilitou e legitimou a transformação da mentalidade humana, ainda imperial, em uma racionalidade técnica voltada para o progresso e o desenvolvimento.

Do mesmo jeito que ele introduz e anuncia o que virá narrado e representado nas crônicas seguintes do livro, é também o “introdutor” da nova era, anunciando a invasão da Modernidade e tudo que ela traz arrastando consigo. “O automóvel é o grande sugestionador” (Rio, 2006:11) e o impulsionador da vertiginosidade.

Ele “representa a aceleração da vida moderna” (Rio, 2006:XVII), com todas as consequências intrínsecas a ela. Se a princípio era visto por olhares curiosos e amedrontados, como “um bicho de Marte ou um aparelho de morte imediata” (Rio, 2006:7), pouco tempo depois, com impressionante rapidez, os olhares passaram a fascinados, extasiados, satisfeitos, quase orgulhosos.

Acima de tudo, espanto ou fascínio que causava, simbolizava a velocidade progressiva das máquinas, o poder com que a técnica foi se impondo. Além de ser sinônimo de *status* na sociedade.

João do Rio ressalta também as desvantagens da rapidez: “graças ao automóvel a paisagem morreu” (Rio, 2006:12), vê-se tudo às pressas, e não há mais tanta coisa a ser vista na natureza, o progresso urbano ocupou o seu lugar. Ela é desvalorizada em prol

dos bens materiais, entram em vigor o culto à beleza e ao materialismo, a futilidade da sociedade e suas frivolidades. A percepção das pessoas sobre o mundo e a vida muda, as prioridades mudam e o tempo se esgota. O automóvel é, então, segundo o cronista, o responsável, o “introdutor” de toda essa mudança, é “o gênio inconsciente da nossa metamorfose!” (Rio, 2006:16).

A entrada do automóvel resume todo o período de mudanças no Brasil de 1900 e sua transição para a tão almejada Modernidade, demarcava o fim de uma época e o começo de outra. As máquinas em geral incorporaram-se ao corpo e à mentalidade humana, que se adapta como uma engrenagem, transformando os sentimentos em racionalidades técnicas e o ritmo lento passa a ser apressado; tudo é regido por um eterno desvario de chegar ao fim. O veículo veio como instrumento de simplificação e minimização de tudo, inclusive – e principalmente – do tempo. “Simplifica os negócios, simplifica o amor, liga todas as coisas vertiginosamente” (Rio, 2006:10).

Assim como João do Rio define o automóvel como o símbolo da nova era Moderna que se firmava, duas outras crônicas do livro tratam também de símbolos da era que passou. “O último burro” e “O fim de um símbolo” são uma espécie de nostalgia dos tempos idos.

O primeiro “evoca um melancólico rito de passagem da velha para a nova época. Acompanha a última viagem do último bonde a tração animal, substituído pelo bonde elétrico” (Rio, 2006:XXIX), outra inovação da era Moderna. “É uma homenagem ao burro de carga” (Idem, Ibidem), mesmo numa época em que se presenciava o “movimento alucinante de centenas de trabalhadores que (...) plantavam as calhas da tração elétrica e (...) outras centenas de trabalhadores batendo os trilhos” (Rio, 2006:289).

João do Rio diz que o burro foi desde o Brasil colônia,

*o incomparável auxiliador da formação da cidade e depois o seu animador (...) Historicamente, aproximou os pontos urbanos, conduzindo as primeiras viaturas públicas. Atrelaram-no à gôndola, prenderam-no ao bonde. E ele foi a alma do bonde durante mais de cinqüenta anos* (Rio, 2006:293).

O cronista atenta para o caráter dos burros de servos do homem, “refinados parasitas”. Estes, que nos ensinaram “o labor contínuo e resignado, o labor dos pobres, dos desgraçados” (Rio, 2006:292). Faz também alusão a um “progresso prudente, no tempo em que nós éramos prudentes” (Rio, 2006:293). A crônica faz uma comparação com a inocência da dedicação dos animais em contraponto com os parasitas do trabalho,

os oportunistas, e mesmo a crise moderna dos criados, de que trata mais especificamente “A crise dos criados”, o oitavo texto seguindo a cronologia do livro.

Um dos símbolos dos velhos tempos, o burro é também tratado por João do Rio como “o cúmulo da paciência” (Rio, 2006:292), o que contrasta totalmente com a pressa desvairada da Modernidade, legitimando a impossibilidade da presença do animal nos serviços dos tempos modernos. Em contrapartida com a lentidão da tração mular, o cronista fala dos carros elétricos que zuniam matando gente aos magotes, e “matando a influência fundamental do burro” (Rio, 2006:293). “Ninguém sentia saudade das patas, com o desejo de chegar depressa”, continua ele (Rio, 2006:294).

O autor faz um comentário sobre o que chama de “a tremenda, a colossal ingratidão do egoísmo humano” (Rio, 2006:295), que só dá importância ao que alardeia o serviço que nos presta e aos parasitas.

Sentindo, por assim dizer, “a angustiosa, a torturante, a despedaçante sensação da grande utilidade (do burro) que se faz irrevogavelmente inútil”, João do Rio o vê “boiar na maré cheia da velocidade” (Rio, 2006:296), assim como todas as coisas velhas; como os detritos na praia, como os deputados, os amigos do governo, os desempregados: conseqüências da vida vertiginosa. “E assim é tudo na vida apressada” (Rio, 2006:296), que faz perder a identidade e esquecer a memória, finaliza a crônica.

“O fim de um símbolo” conta a saga de um fantoche negro, o personagem João Minhoca, precursor do teatro de bonecos, e sua decadência. Devido à escassez quase completa de pesquisas aprofundadas sobre a atividade teatral no Brasil antes de 1930, a crônica passou a ser um instrumento de análise, confirmando a faceta de documento histórico das crônicas de João do Rio.

Bem de acordo com a tônica da época, num país que se queria cópia da Europa, a crônica registra o começo do surgimento das imitações depois do sucesso de João Minhoca. Os jornais começam a falar e os empresários célebres a descompor a prática. O personagem Batista, criador do fantoche, conta a João do Rio que, em quatro anos, fora as ladroeiras de que tudo era vítima, o teatro deu lucro.

É como um testamento que o criador de João Minhoca conta sua história ao cronista, e é também esse tom que adota João do Rio em seu testemunho. Quando Batista, com raiva pelo fracasso de seu teatro popular, começou a atirar seus bonecos, “só João Minhoca, reluzente como um deus africano, ficara; João Minhoca que resumira a vida de uma cidade, na rasteira, no namoro, na política, no teatro, na chalaça; João Minhoca capoeira, fidalgo, inventor de balões, abolicionista!” (Rio, 2006:268).

Ambas crônicas demonstram a importância sutil dos símbolos populares, que morrem com o advento da Modernidade e seus novos aparatos técnicos, fazendo da própria tecnologia por si só a sua marca. Sobre isto, João do Rio narra: “Só os espíritos grandemente raros compreendem a sutileza dos símbolos populares.” (Rio, 2006:269); e, mais adiante, nos transpassa com seu estilo lírico e elegante a tristeza da morte do boneco: “E sempre me pareceu sob a chuva, que o céu chorava, na indiferença obtusa daquela festa elegante, a morte irreparável do boneco símbolo da nossa vida e da alegria das crianças de ontem...” (Idem, Ibidem). Termina reticente.

## 2. O sopro de civilização

Na medida em que o mundo desenvolvido ia se aprimorando, o Brasil se maravilhava com as inovações estrangeiras e alimentava um ideal de civilização baseado nos costumes e hábitos da Europa. A capital da República caminhava para a conquista de uma universalidade e almejava visibilidade no exterior. O compasso frenético com que se definiram as mudanças sociais, políticas e econômicas do período concorreu para a aceleração em escala sem precedentes do ritmo de vida da sociedade carioca. “No lugar da antiga colônia, começou a se levantar uma cidade que se queria moderna” (Novaes, 2006:10).

O Rio de Janeiro no início do século estava na sua condição de centro político do país, o maior centro cosmopolita da nação, e era nítido o anacronismo da velha estrutura urbana da cidade diante das demandas dos novos tempos. Era preciso, pois, findar com a imagem do atraso, “da cidade insalubre e insegura” (Sevcenko, 1983:41), e atingir um grau de progresso digno dos países civilizados, numa época em que ser civilizado era *ser* segundo os padrões europeus de sociedade. Era uma luta contra a sombra e contra a ignorância, tratava-se da definitiva implantação do progresso e da civilização.

O que constata a crônica “O amigo dos estrangeiros”, de *Vida Vertiginosa*, é a ocorrência de uma mudança do olhar do estrangeiro para com o Brasil; eles não vêm mais conhecer e admirar as belezas naturais que aqui se encontram, mas apreciar as modernidades copiadas de seu próprio país. Segundo João do Rio, isso se dá devido à “corrente de curiosidade que pelo nosso país se faz no mundo” (Rio, 2006:38), os estrangeiros querem nos ver e a gente quer ser visto. E toda a estética física, social e urbana muda para que isso aconteça da “melhor” forma.

“Acompanhar o progresso significava alinhar-se com os padrões e o ritmo de desdobramento da economia européia” (Sevcenko, 1983:29). Essa imagem – “versão prática do conceito homólogo de civilização” (Idem, *Ibidem*) – transforma-se na obsessão coletiva da burguesia emergente do Rio. Propagava-se um pensamento de que com a República e as decorrentes mudanças, o país romperia com a letargia do passado, alçando-se no concerto das nações modernas. Ficava cada vez mais evidente o desprezo, a discriminação e a vergonha coletiva da elite emergente com relação aos grupos, costumes e tradições populares, uma nova forma de intolerância social. Com relação a isso, Margarida de Souza Neves pondera:

*(...) as multidões anônimas são tumulto na capital mesmo quando silenciosas. São tumulto porque sua presença denuncia um passado colonial e escravista que se quer esquecer. Porque sua cultura, seus hábitos, seus ritmos são muito distantes dos padrões supostamente parisienses da estética oficial. Porque os pregões que gritam pelas calçadas demonstram que o mercado não se faz unicamente nas lojas da rua do Ouvidor. Porque ocupam as vielas tortuosas do centro da cidade, como quem ocupa trincheiras de importância estratégica inquestionável numa guerra não declarada e desigual. São “tumulto”, enfim, porque existem. E por existirem, amedrontam. (Neves, 1994:138).*

O Brasil, e em especial o Rio, tentava adequar-se aos modelos estrangeiros a qualquer custo, transmutando seu meio físico, a cultura e os hábitos e comportamentos do próprio povo. Assistia-se à transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade do carioca. Era um fluxo intenso de mudanças rápidas que atingiam todos os níveis da experiência social, um processo dramático de transformação dos hábitos cotidianos dos indivíduos, suas convicções, modos de percepção e até seus reflexos instintivos; um processo de reajustamento ou aburguesamento social. Nesse contexto, atenta Nicolau Sevsenko:

*Quatro princípios fundamentais regeram o transcurso dessa metamorfose: a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, praticamente isolada para desfrute exclusivo das camadas burguesas; e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (Sevcenko, 1983:30)*

Com a modernização e as reformas urbanas, vêm as conseqüências. Aumenta a miséria, a população das ruas, os mendigos, as favelas e todas as mazelas de cunho social. A crônica “Os livres acampamentos da miséria”, de João do Rio, foi resultado de sua incursão numa favela. Ela é também o primeiro registro da visita de um intelectual aos moradores de um morro carioca, segundo João Carlos Rodrigues.

João do Rio descreve as moradias, as biroscas e a população, exercendo a sua face “popular”, muito distante da figura do dandi dos salões. Antes mesmo do conceito de “cidade partida”, João do Rio já havia pensado em uma “outra cidade” incrustada na cidade oficial, “uma curiosa vila de miséria indolente” (Rio, 2006:135). É, para ele – acostumado à *raffiné* da alta sociedade –, uma descida ao inferno, impressão de pandemônio. Ele expressa a mudança do olhar do sujeito refinado que pensava ser a favela “um lugar onde pobres operários se aglomeravam a espera de habitações” (Rio, 2006:132).

O Brasil, mesmo com todas essas mazelas explícitas, quer trocar a cultura nacional por uma “universal”, de exportação, pois vê nos países internacionais fontes de renda e investimento, todos “bons negócios”, sinônimo de mais progresso. Esses atos são conseqüências da própria modernização, que criou a sede de ganância nos



brasileiros. Fazendo com que existisse um tipo que legitima a expressão de Sérgio Buarque de Holanda do “homem cordial” – o amigo dos estrangeiros.

Junto com o “amigo dos estrangeiros”, vem “o bem das viagens”, uma nova onda de viagens ao exterior, a possibilidade de ir a outro país com muito mais facilidade. A crônica homônima de João do Rio trata dessas viagens à Europa, e das vantagens civilizatórias de sua vulgarização, impulsionando, entre outras coisas, o cosmopolitismo. Viajava-se para fora quase como quem vai a uma das confeitarias de esquina da época. Com a maior velocidade dos meios de comunicação e o aprimoramento dos transportes, há uma conseqüente aproximação das distâncias. “A Europa está tão perto, os meios de comunicação estão tão rápidos e os transatlânticos balançam tão pouco” (Rio, 2006:144), comprova o cronista.

O momento é de efervescência cultural na França. A identificação e semelhança com o estrangeiro, neste momento, proporcionavam maior visibilidade para o país que se expandia aos olhos do mundo. A “Regeneração”, feita por Pereira Passos, que culminou com a inauguração da Avenida Central, atual Rio Branco, em 1905, se deu em sincronia com o saneamento médico e a higienização da cidade. Os grupos populares e costumes tradicionais foram reprimidos e o Rio tomou ares europeizados, com o estilo parisiense e o *art nouveau* nas decorações. Nessa atmosfera pouco mais *snob* e *chic*, se encaixam melhor hábitos como o *five o'clock tea*, os salões, as confeitarias, etc.

Há uma circulação de novos gostos e novas idéias, inclusive a de que nada por aqui é bom, porque lá (na Europa) é melhor. O exterior tornou-se um lugar onde a civilização deslumbra. E como tudo lá é melhor, viaja-se. Não é mais preciso ser rico para viajar. “Outrora o homem que ia à Europa era uma espécie rara” (Rio, 2006:144), “há vinte anos era um acontecimento viajar” (Rio, 2006:146), atesta Paulo Barreto.

A capital que ficou conhecida como a “Paris dos Trópicos” transforma-se na vitrine do país, enquanto a nova Avenida é a vitrine da sociedade, passarela do esnobismo e do mundanismo presentes. “A avenida passou a ser não só esteio da vida social e cultural da capital, mas o principal modelo do imaginário modernizador da República” (Sevcenko, 1998:29). Criou-se uma atmosfera de euforia do progresso e ostentação pelas partes beneficiadas com a remodelação da cidade, expressas nas realidades visíveis da urbanização, do crescimento econômico, da industrialização e do grande fluxo de imigrantes. Configurou-se, desta maneira, a *Belle Époque* carioca.

O Rio de Janeiro como maior cidade, metrópole-modelo, sede do governo e cartão de visita do país, passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas

acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima. “A experiência de viver nas grandes cidades modernas, planejadas em função dos novos fluxos energéticos e marcadas pela onipresença das novas técnicas, influencia e altera drasticamente a sensibilidade e os estados de disposição dos seus habitantes” (Sevecenko, 1998:522).

Uma importante mudança ocorrida nesse período foi a dos costumes, todos inseridos no ideal europeu, e, mais especificamente, o francês. João do Rio em toda a sua carreira, honrando seu caráter de dandi, característica fundamental de sua personalidade, fez um grande número de crônicas que ressaltavam as frivolidades e o mundanismo da época. Através da crônica de costumes, Paulo Barreto retratou a vida dos salões e da alta sociedade.

Um dos melhores textos que exemplificam essa vertente do seu trabalho é “O chá e as visitas”, que demonstra claramente como as novidades do mundanismo internacional invadiram nossos costumes mais cotidianos, substituindo até mesmo o brasileiríssimo cafezinho oferecido às visitas, pelo *five o'clock tea*, explica João Carlos Rodrigues na Introdução de *Vida Vertiginosa*.

O início da crônica é determinante: “A vida nervosa e febril traz a transformação súbita dos hábitos urbanos” (Rio, 2006:45). Paulo Barreto frisa que o chá é distinto, elegante, favorece a conversa frívola e o amor, que cada vez mais não passa de *flirt*. E destaca a clara passagem da qualidade de intimidade pertinente à atmosfera brasileira, sempre tão cheia de calor humano e cordialidade, ao cerimonial, às formalidades. As visitas e os cumprimentos passam a ser breves. Além do fato de que “todos se conhecem” e “todos falam mal uns dos outros” (Rio, 2006:48). Resume-se, enfim, a reforma dos costumes, operada essencialmente pelo chá e pelas visitas. Tenta-se chegar ao status de civilização, quando “civilização quer dizer ser como a gente que se diz civilizada” (Rio, 2006:52).

Foi nos primeiros anos deste século XX, com todas essas inovações, que se deu a entrada do Brasil no processo de modernização. A industrialização, as novas tecnologias dos meios de comunicação e o mundo globalizado trouxeram uma torrente de notícias muito intensa. A imprensa e os jornais entraram no frenesi da modernidade, agindo de acordo com as novas demandas e velocidades. As revistas mundanas e os colunistas sociais da grande imprensa começaram a fazer um sucesso inédito até então.

As crônicas da grande imprensa, que proliferaram nessa época, “transbordavam a embriaguez de felicidade, o abarrotamento de satisfação que enchia a cidade” (Sevcenko, 1983:37). Nicolau Sevcenko dirá que “a crônica social teria uma importância básica nesse período de riquezas movediças” (Sevcenko, 1983:38), por seu caráter naturalmente híbrido, passageiro, efêmero, como tudo que é moderno. E por ser também, como afirma Margarida de Souza Neves, um “canteiro de obras”, espaço onde se pode construir e destruir a História de uma cidade. Ainda sobre esse aspecto, ela define a cidade moderna do Rio:

*(...) uma cidade “moderna”, porque reconstruída física e ideologicamente pelos letrados, fossem estes os engenheiros ou higienistas que atuavam organicamente vinculados ao estado e, a golpes de picaretas ou de campanhas sanitárias pretendiam demolir o “velho” e impor o “novo” na capital, fossem os cronistas que a tematizavam neste outro canteiro de obras constituído pela imprensa da época. (Neves, 1991:60)*

Como assinala Renato Gomes:

*Devido ao seu caráter circunstancial e efêmero e ao suporte na imprensa (jornal e revista) que envelhece no outro dia, é que a crônica ganha a sua modernidade, atrelada à vida das cidades. Ela também é fruto do progresso, das mudanças tecnológicas que afetam a sensibilidade e a percepção humanas. (Gomes, 2005:30).*

Quando João do Rio diz, na crônica “A era do automóvel”, que “assim como encurta tempo e distâncias no espaço, o automóvel encurta tempo e papel na escrita” (Rio, 2006:10), comprova a tese de Margarida Souza Neves sobre ser a crônica também um espaço de criação da memória da cidade.

O próprio gênero da crônica ganha ênfase por causa da atmosfera da Modernidade, propícia à efemeridade e a tudo que é passageiro. A crônica registra o fluido, o efêmero. Foi feita para jornal e revista, periódicos que ao amanhecer ficam velhos. Fora do jornal, ela deixa de ser ilustrativa e efêmera, descartável, e passa a ter um propósito; reunidas em livro têm o objetivo de formação de sentidos.

A cidade é também “lugar de memória” (expressão de Pierre Nora), “pelo que conserva como também pelo que destrói ou tenta destruir” (Neves, 1994:151). “A cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão” (Calvino, 1991 In: Neves, 1994:151), o dever de contá-lo é das crônicas, e foi o que fez João do Rio com muita determinação e mestria em todos os livros e textos que publicou em vida.

O tempo também se alterou, Sevcenko ressalta o aspecto desse novo tempo:

*(...) o advento do tempo republicano. Um tempo mais acelerado, impulsionado por novos potenciais energéticos e tecnológicos, em que a exigência de acertar os ponteiros brasileiros com o relógio global suscitou a hegemonia dos discursos técnicos, confiantes em representar a vitória inelutável do progresso e por isso dispostos a fazer valer a modernização “a qualquer custo” (Sevcenko, 1998:27).*

Vigora uma supervalorização do momento presente, do instante, que, na era moderna, logo passa. Há, a partir deste princípio, uma mudança na mentalidade do carioca. Uma crônica que analisa bem o caráter dessa “nova” população (ou a falta de) é “O povo e o momento”, escrita pela ótica de um estrangeiro. João do Rio utiliza o conceito de uma “multidão movediça” (Rio, 2006:19) para explicar que o povo do Rio está em processo de formação de um tipo definitivo. O francês protagonista do texto afirma ser o povo do Rio de Janeiro “uma confusão de elementos em caminho de cristalização” (Rio, 2006:24).

Juntamente com essa mudança e as transformações materiais, se sobrepõe o frenesi de ser admirado, o reclamo, e com isso, a preocupação com a estética, com o corpo e a moda. João do Rio dá espaço nas crônicas do livro para mostrar que tudo e todos na vida moderna querem o seu lugar, a sua própria visibilidade.

Em “Feminismo ativo” ele demonstra uma vertente de expressão feminina que se propagava na época, um assunto explosivo na *Belle Époque*, o começo da emancipação feminina. Bem como em “Um grande estadista”, uma crônica elogiosa sobre o presidente que acabava de sair do poder, Nilo Peçanha, “considerado ainda hoje um dos poucos bons presidentes do país”, segundo João Carlos Rodrigues. Sua atuação caracterizada pelo seu ímpeto de empreendimento e iniciativa mereceu destaque, pois foi totalmente de acordo com as rápidas mudanças e o dinamismo que caracterizou a primeira década do século XX. Diferentemente da crônica “O Sr. Patriota”, na qual Paulo Barreto faz uma crítica mordaz aos jacobinos e à direita xenófoba nacional.

Ele ressalta também a noção do tempo Moderno, o contraste “da lentidão do tempo e da vertigem do momento” (Rio, 2006:197). Tudo na modernidade é vertiginoso, efêmero. É como um sopro, sempre de passagem, e sempre a arrastar tudo consigo. É a tão sonhada civilização.

### 3. Em era de automóvel, *chauffeur* é rei

Na época Moderna, tudo que vem do exterior e principalmente da Europa é *elegant, chic*. O automóvel é elemento simbólico dos novos tempos e de aquisição somente de uma classe privilegiada. O *chauffeur* então, nem se fala...

Na crônica que é quase um conto “Modern girls”, João do Rio demonstra de forma magistral como o automóvel era signo de prestígio e de conquista financeira. Esse *status* agregava ao homem um poder e um fascínio sobre os outros homens, mas principalmente sobre as mulheres. Na era moderna emerge uma nova categoria de “mulheres”, as *cocottes*. Meninas modernas e precoces, muito diferentes das recatadas e provincianas dos anos anteriores. “Elas são modernas, elas são coquettes, elas querem aparecer, brilhar, superar (...) Elas pedem (...) as palavras de desejo como os mais alucinados títeres da Luxúria.” (Rio, 2006:87).

A crônica é uma exposição de tanta perversidade em tão curto espaço. As próprias mães submetem as filhas, jovens adolescentes, ao poder do automóvel, conseqüentemente, ao dinheiro do seu possuidor; é a demonstração clara do consentimento ambicioso das mães. “Era mais um caso de precocidade mórbida, em que entravam com partes iguais o calor dos trópicos e a ânsia de luxo, e o desespero de prazer da cidade ainda pobre” (Rio, 2006:83), narra o cronista.

As mudanças que as novas tecnologias trouxeram para o brasileiro foram tanto de cunho social e urbano, quanto psicológico. Elas criaram vários tipos novos, como as “*modern girls*” e o “amigo dos estrangeiros”. “A civilização criou a suprema fúria das precocidades e dos apetites” (Rio, 2006:84), de todos os tipos.

Esse “amigo dos estrangeiros” de que fala João do Rio na crônica homônima do livro *Vida Vertiginosa*, caracteriza bem essa faceta da sociedade, seguidora dos mesmos padrões e adoradora de tudo que vem do estrangeiro. À tentativa de cópia dos modelos internacionais, sucedeu-se a tentativa de agradar à fonte de origem. Ser reconhecido, conquistar visibilidade seria a glória máxima para a nova sociedade desejosa de fazer parte de uma civilização num plano macro.

O “amigo” é aquele que bajula incansavelmente a superioridade dos europeus e gringos em geral. “É um tipo tão novo quanto a Avenida Central”, diz João Carlos Rodrigues na Introdução do livro (Rio, 2006:XVII). É o ponto de interferência entre a velha cidade patriarcal e hospitaleira e a nova cidade vertiginosa, é uma figura social, cria do momento mais oportuno para a sua existência. Ao mesmo estilo do cronista que

o descreve, tem “faro policial” e “instinto sherlockeano”, “ele sabe descobrir o estrangeiro recém-chegado, sabe apanhar o estrangeiro com cartão de visita, sabe encontrar nos hotéis, nas ruas, em outros lugares a vítima peregrina” (Rio, 2006:38). A sua figura serviu de origem e exemplo à categoria de oportunistas e parasitas que surgiram pouco mais tarde.

Foi também, e principalmente, por causa desses tipos que um francês na crônica “O povo e o momento” chama o Rio de “a cidade da intimidade generalizada, dos íntimos desconhecidos” (Rio, 2006:29).

A moda do brasileiro de ir à Europa também comprova a subida do Brasil no conceito mundial. “Cada viagem pessoal é um fator não só da propaganda do Brasil como de civilização interna” (Rio, 2006:150), diz em “O bem das viagens”. O viajante, ao voltar, inconscientemente, “será um agente impulsionador do progresso e da civilização” (Rio, 2006:153). “É vendo o estrangeiro que o brasileiro procura corrigir-se e melhorar, foi vendo as outras cidades que São Paulo se fez o que é hoje e o Rio tende a se tornar em alguns decênios um grande centro de civilização, de arte, de prazer e de vida febril” (Rio, 2006:152). Assim encerra João do Rio o seu testemunho do deslumbramento por tudo que é estrangeiro e as ambições do nosso povo carioca.

O *five o'clock tea* também é um dos símbolos de prestígio e de que as senhoras que o oferecem conhecem os hábitos Europeus. Além da preocupação com os costumes, há uma mais excessiva inquietação quanto à estética. A procura pela melhor aparência requer exercícios físicos, o gosto pela vestimenta, a legítima sofisticação, a *raffiné* etc.

“A crise dos criados”, apesar de não ter como mote central a necessidade do brasileiro de enriquecer, também abrange parte do assunto, quando trata dos criados insatisfeitos com suas condições de criados num mundo que está tão mudado e moderno. “Não há criados, há homens transitoriamente empregados ao serviço de outros (...) e a crise dos criados é uma das formas demonstrativas do progresso, do progresso geral e da alma imperialista e bárbara do futuro brasileiro, que em todas as coisas quer ser chefe” (Rio, 2006:105), finaliza João do Rio.

Outra crônica que também fala do poder, da influência, é “Esplendor e miséria do jornalismo”, que trata do prestígio do jornal, fruto da civilização que pede a rapidez nas informações, “a ânsia das novidades, da notícia, da mentira, do *bluff*...” (Rio, 2006:157). João do Rio fala que “o jornalismo leva a tudo (...): glória, fama, dinheiro, tudo fácil” (Rio, 2006:159). É o domínio e a máquina de fazer dinheiro da imprensa moderna, “a ânsia perdulária por dinheiro dos jornais” (Idem, *ibidem*).

#### 4. “Os encantadores” – a *raffiné*

João do Rio chama de “os encantadores” ao povo dos salões, das altas rodas. E as crônicas que são expressões dessa parcela da sociedade vêm do caráter de dandi do cronista. Não é mais o jornalista que vai cumprir sua função subindo em favelas, conversando com personagens populares, este é ele próprio, é sua faceta mais legítima, com a qual ele registra as futilidades e frivolidades dessa sociedade.

Nesta categoria se enquadram as crônicas “O povo e o momento”, “O reclamo moderno”, “*Modern girls*”, “O muro da vida privada” e “A má língua”, que retratam as diversas faces dessa burguesia esnobe e emergente. Seus hábitos, defeitos e excentricidades, com os quais João do Rio convivia bem de perto.

A população mudou junto com a sua época, e estava muito centrada no instante e em viver o momento. Uma onda de reclamo exagerada tomou conta da cidade. A cada dia mais as pessoas queriam ser vistas, admiradas e invejadas e concorriam para isso. Os jornais e revistas eram cada vez mais utilizados como veículos de promoção pessoal. As ruas eram passarelas e cada um a sua própria vitrine.

Para isso, era importante a beleza estética, a elegância nas vestimentas, a promoção de bailes e chás para receber as pessoas, ver e serem vistos. “O reclamo (...) é o aproveitamento de um mal contemporâneo – o mal de aparecer” (Rio, 2006:67), afirma o cronista. Há o reclamo, há a concorrência, há a necessidade de chamar atenção; há, parece, uma carência geral da sociedade. “É o mal devorador, é a epidemia” (Rio, 2006:68).

A ânsia da vida moderna trouxe a “nevrose da concorrência, o desespero de vencer” (Idem, *ibidem*) e aparecer, aparecer! “O esforço para a evidência, para a personalização na grande feira humana, chupa os ossos, rasga os músculos, arranca os nervos, esgota, desvaira, enche os manicômios” (Idem, *ibidem*). Faz-se tudo para ser foco de atenção, ser invejado.

A publicação nos jornais das colunas sociais, muito difundidas e exploradas na época, devia-se à “permanente vontade de se ver impresso, falado, discutido, citado” (Rio, 2006:69). Numa época em que o amor virava *flirt* e as relações sociais reduziam-se, tudo parecia ser falso. Havia uma grande necessidade de posar, de conservar em evidência a fachada pessoal, a máscara social de cada um. “Não há mais ninguém modesto” (Rio, 2006:71), “aparecer é uma questão nacional” (Rio, 2006:72).

O tom da crônica “O reclamo moderno” é afobado, como a própria vida vertiginosa, por causa do medo de perder, de ficar para trás, de ser atrasado e de não poder aparecer mais. Tudo, portanto, é válido para se chegar ao objetivo final, espaço fértil para os parasitas, os exploradores, os golpistas, etc. João do Rio diz que uma grande cidade é fechada aos infelizes, literalmente não tem espaço para os pobres nem para os não-adequados ao modo de vida vigente na alta sociedade.

Não há compaixão, somente “a indiferença que não se entenece” (Rio, 2006:77). Por isso a atitude *blasé* de muitos dos indivíduos que não querem (ou não podem) se adequar a essa sociedade esnobe e excludente, como, por exemplo, o mendigo da crônica “Um mendigo original”, que tem a sua própria filosofia de vida e não se abala diante de nenhuma autoridade ou homem de “prestígio”. O mendigo que se torna indiferente diante da frieza da civilização, essa “engrenagem mecânica da sociedade esmagando os mais fracos” (Rio, 2006:78).

A população das grandes metrópoles é tão suscetível aos vícios, pois eles funcionam como válvulas de escape de todo o frenesi, a loucura, essa postura constante de competitividade. Por isso as bebidas, a cerveja, o alcoolismo. Junto com essa impressão de inferno, de manicômio, de pandemônio, o “calor de fornalha” (Rio, 2006:80) das grandes multidões de uma grande cidade.

Todo esse reclamo, essa aparição na mídia geram também o que João do Rio chama de “a má língua”, ou seja, a inveja, a maledicência, a calúnia. Nestas crônicas, Paulo Barreto aponta para a perversidade exacerbada e compara os cidadãos com “uma matilha de cães em fúria” (Rio, 2006:179), concorrendo e competindo para enriquecer, subir na vida e aparecer a todo custo.

“Ninguém escapava daquele esmurramento bárbaro da maledicência, ninguém era sério, era digno, tinha uma qualidade boa” (Rio, 2006:180), afirma o cronista. A má língua é ofício dos ociosos, os criadores de legendas, legendas envenenadas, para isso “nada mais fértil que a preguiça” (Rio, 2006:181), ressalta João do Rio. Porém, também “a legenda caluniosa é um propulsor da popularidade, nessas épocas de nevrosismo e de atração, do mal” (Rio, 2006:182).

A má língua cria a curiosidade dos ingênuos e torna mais respeitosa a simpatia dos que percebem a calúnia, assim, a má língua, ao mesmo tempo em que deturpa um fato, conserva o seu nome vivo, na atenção geral, falado.

João do Rio finaliza dizendo que “essa ação ignóbil, (...) que toda a gente, mais ou menos, pratica é o eco, da fama e a criação da lenda, que empolga como uma



grande sombra, a multidão” (Rio, 2006:186), e continua: “E todos, com afinco, para ocupar o não que fazer, continuaram a estraçalhar a reputação alheia, nesse prazer curioso que é uma das feições mais acentuadas das conversas cariocas” (Idem, ibidem).

A tentativa das “modern girls” e de suas mães de ingressar no mundo da alta sociedade civilizada, europeizada e fina, é em parte pelo dinheiro, em parte pelo prestígio, renome, posição. Fazer parte dessa *raffiné* era objeto de desejo de todos e qualquer um.

Toda essa evidência e esse reclamo criaram uma atitude toda voltada para uma possível aparição na mídia. As “celebridades” posam e estão a todo o momento preparadas para serem fotografadas. O texto atualíssimo que fala sobre a intromissão da imprensa na vida particular das pessoas, e de como, mesmo quando protestam, elas incentivam esta prática, é “O muro da vida privada”.

João do Rio atesta para um mal da época – a curiosidade, que “é tão excessiva que perdeu o pudor” (Rio, 2006:108). É constante a sensação de estar sempre “preso num aro de olhos” (Idem, ibidem). É a usurpação do direito de liberdade, de se fazer o que quer, por estar sempre “amarrado ao terror da opinião pública” (Idem, ibidem). Vigora um estado de *voyeurismo* completo e desinibido, admitido. “Não há quem ponha os intrusos do lado de fora do muro porque estamos sempre a trepar nos muros vizinhos. É um mal particular e geral.” (Rio, 2006:109).

O cronista chama ainda o Rio de Janeiro de “a capital do mexerico e da calúnia” (Idem, ibidem). “Os amigos íntimos são os piores, (...) inventam com mais foros de verdade e maior credulidade do público. E quem hoje tem amigos íntimos? Há apenas camaradas ligados pelo interesse às conveniências ocasionais” (Rio, 2006:110), define João do Rio. Nada sobrevive a esse desesperado exibicionismo.

## 5. “A canalha”

A atração pelo que João do Rio denomina de “a canalha” é uma característica intrínseca ao dandi, que sai de seu lugar habitual – os salões, para conhecer e analisar as figuras que levam a vida à custa da exploração, do parasitismo e da jogatina.

A primeira crônica que trata desse tema, seguindo a cronologia interna do livro, é “Jogatina”. Como o próprio título já denuncia, através dela, João do Rio demonstra o “apetite desenfreado do jogo” (Rio, 2006:117), e o Rio de Janeiro que virou “o reino da batota. Sim, cá estamos numa desenfreada e arruinadora jogatina” (Idem, *ibidem*). Joga-se em tudo, até mesmo na hipótese de ganhar. “É inteiramente o delírio. Tudo é jogo, só jogo.” (Rio, 2006:118), comprova o cronista.

Essa crônica tornou-se uma fonte preciosa sobre os primórdios do famoso jogo do bicho, tão difundido na cultura popular até hoje, além de outras modalidades de loteria, roleta e carteados, que hoje caíram em desuso.

Ficou constatada também a complacência das autoridades com a jogatina, tudo movido por outro jogo – o de interesses. “Os meses passam e as autoridades não impedem a jogatina, que cada vez tomava maiores proporções.” (Rio, 2006:121). Há, junto com o jogo, uma torrente de exploração geral. “O jogo é uma aventura. Num país novo o espírito da aventura prolifera. (...) o ideal humano é o dinheiro (...) com pouco trabalho ou nenhum. Vem a negociata, a jogatina. São as irmãs da ladroeira – aristocráticas de processo” (Rio, 2006:129), testemunha João do Rio.

Em “Esplendor e miséria do jornalismo”, Paulo Barreto aponta, para além do prestígio que os jornalistas têm na era moderna, os pesares da profissão, “a ambição, as preocupações, os interesses, os negócios tomavam-lhe a alma” (Rio, 2006:163).

Outra análise “impiedosa” (segundo João Carlos Rodrigues na Introdução de *Vida Vertiginosa: XXII*) das barganhas entre o poder e a imprensa foi feita na crônica “Cabotinos”. João do Rio fala do respeito, da consideração e veneração da sociedade pelos patifes, gatunos, os verdadeiros ladrões, os “refinadíssimos malandrins” (Rio, 2006:167), os “ladrões de casaca” e de “colarinho branco”.

João do Rio descreve a cidade do Rio de Janeiro de então: “não há mútua confiança. Há certeza geral de roubalheira e patifaria. Batota” (Rio, 2006:168); e aí se dá a sua atualidade, pois a cidade de hoje não se modificou tanto nestes termos. O que vigorava (e ainda vigora) é a cultura do engano, do dolo, da violência, da “honrada malandragem de alto a baixo” (Rio, 2006:169). O cabotinismo tinha virado um modo

pretensioso de ganhar reputação, afirma João do Rio. “O orgulho transformou-se em vaidade (...) a vaidade (...) fez-se exibicionismo, que é o cabotinismo geral” (Rio, 2006:170).

No final deste texto, o cronista ainda acusa o jornal de ser a causa de toda essa manifestação exibicionista: “a causa da nevrose aguda, o eixo dessa roda de pose (...) é o Jornal, que elogia e ataca, que glorifica e atasalha (...), que estampa o retrato (...), trombeta do cabotinismo (...) o jornal, essa grande alavanca de levantar o mundo” (Rio, 2006:177).

“O trabalho e os parasitas” também fala dessa nova classe que se alastrava cada vez mais, e que é a alma da “canalha”, que são os parasitas de plantão, sempre prontos para explorar qualquer um em troca de dinheiro e posição. O lema geral é “ganhar a vida, mas facilmente” tudo em busca da elegância, das coisas finas e da superficialidade. Ressalta o “pistolão”, os benefícios e as vantagens sobre os outros, que regram a vida em sociedade.

O dandi fala do “moço bonito” que é “ornamento da civilização” (Rio, 2006:208). E conclui a crônica dizendo que, apesar de todos os esforços, “nós trabalhamos furiosamente para a conquista da civilização, mas ainda não a conseguimos” (Rio, 2006:212).

Em “As impressões do bororó” e “O homem que queria ser rico”, João do Rio percebe, através de óticas plurais – a do índio bororó e a do homem típico da cidade grande, que quer enriquecer a todo custo como todo mundo –, os métodos pouco éticos de como subir na sociedade brasileira. Destaca o culto “fatigante e banal” (Rio, 2006:219) das “celebridades”, difundido pela “tribo civilizada” (Rio, 2006:215) – os jornalistas. “No fim do reclame, há sempre o nobre desejo de ser melhor” (Rio, 2006:219) desses “neurastênicos urbanos” (Rio, 2006:220).

O bororó não compreende esse prazer da inutilidade que se alastra pela sociedade, principalmente da “canalha”, e se pasma com como se perde tempo. O índio descreve a Avenida Beira-Mar que a tribo civilizada não vê: “a impressão do deserto, o frio é desolador, (...) os homens, perfeitamente idiotas, (...) com a tolice de nos julgarmos superiores” (Rio, 2006:222).

Em “O homem que queria ser rico” João do Rio salienta a corrupção da sociedade, com um final moralista e um pouco irônico. Vê que “o dinheiro é até agora o melhor elemento de felicidade” (Rio, 2006:271). Frisa a ambição desmedida de toda a gente e o mundo como “uma grande negociata” (Rio, 2006:271).

Não se tem mais crédito na amizade nesse mundo onde tudo é questão de influência, de jogos de dinheiro, de desonestidade. Sobrevive a crença de que “o trabalho honrado não dá fortuna a ninguém! Trabalha-se para não morrer de fome e enriquecer os outros. O negócio é tudo!” (Rio, 2006:273).

Enquanto esse mundo moderno recuperava a imagem de estabilidade no exterior, o que fazia crescer a imigração tanto de gente de dentro, quanto de fora do país, o estado da população carioca expulsa da área central se agravava. “A carência de domicílio e a condição de desemprego estrutural caracterizavam a vagabundagem delituosa, restando como únicas práticas a mendicância, o subemprego, a criminalidade” (Sevcenko, 1983:59). Foi uma época propícia não só para a ladroeira e os jogos de interesse, mas também para a proliferação de favelas e mendigos. “Foram dias de dor aqueles dias de glória” (Sevcenko, 1998:36).

A crônica “Um mendigo original”, através da imagem de um personagem popular, fala do único mendigo que, indiferente a todo esse frenesi, no cenário da “lama urbana” (Rio, 2006:283), vivia sob a sua própria filosofia. Ele explica:

*Condensei apenas os baixos instintos da cobiça, exploração, depravação, egoísmo em que se debatem os homens (...) numa sociedade em que os parasitas tripudiam – é inútil trabalhar. O trabalho de resto é inútil. Resolvi conduzir-me sem idéias, sem interesse, no meio do desencadear de interesses confessados e inconfessáveis, (...) (Rio, 2006:286).*

E continua:

*A verdadeira inteligência é a que se limita para evitar dissabores (...), com o meu sistema, dispenso-me de sentir e de fingir, não preciso de ti nem de ninguém, retirando dos defeitos e das organizações más dos homens o subsídio da minha calma vida (Rio, 2006:287).*

Desta maneira, ele se distingue dos homens modernos e despreza a sua ambição e sensualidade, a capacidade de enrolar os outros. Ressalta a inutilidade compulsória da vida quando diz que “na vida tudo é inteiramente inútil...” (Idem, ibidem).

## 6. O homem-máquina

A última crônica do livro *Vida Vertiginosa* trata de um Homem Superior, que tem seu corpo transformado na engrenagem de uma máquina. Sua psicologia funciona como funciona a das novas tecnologias modernas. É tudo racional, o sentimento foi abolido do viver deste homem. É uma mistura de crônica e conto, de gênero ficção-científica – raridade na literatura brasileira; um exercício de futurologia. O homem como representante de uma engrenagem dentro da engrenagem maior que é a vida moderna.

João do Rio previu como os novos aparatos técnicos iriam tomar conta e regular a vida do homem moderno, quando o futuro ainda era o ano de 1920. Ele previu a invenção do relógio elétrico, do barbeador, do avião a jato, do elevador, do telefone portátil, dos arranha-céus, do ar-condicionado e outras novidades, hoje partes indispensáveis do nosso cotidiano.

O cronista se utilizou do tema do aceleração do tempo ao seu extremo. “Não se perde mais tempo nem para dormir” (Rio, 2006:297); o jornal é o *Electro Rápido* (Rio, 2006:298); a comida são cápsulas minúsculas do “elixir nevrostênico” (Idem, ibidem), a pressa para engolir, “tudo em trinta segundos” (Idem, ibidem).

O Homem Superior não tem mais tempo para pensar nos seus filhos e, portanto, constata-se a precocidade das crianças. A morte de um dos herdeiros é quase ignorada pelos pais, que estão muito mais pré-ocupados com futilidades cotidianas. Essa atitude e outras demonstram também o desdém desse Homem para com as catástrofes, e sua gana pelo máximo possível de dinheiro ao menor tempo.

O tema da superioridade dos homens diante dos outros, do brasileiro que sempre quer ser chefe é muito presente tanto nesta crônica “O dia de um homem em 1920”, quanto nas crônicas “O Sr. Patriota” e “Um grande estadista”. Elas tratam do prestígio em torno do patriota e de todos os homens que têm algum poder aquisitivo, alguma posição, ou mesmo só pose. O desejo do patriota e de todos os homens de ser cooptado, agregado ao sistema é explícito.

O Homem Superior, como o Patriota, são “autoridades” intangíveis, consideram aos demais todos inferiores. “O Sr. Patriota” ainda trata da questão do “esbanjamento dos dinheiros públicos, a crise megalomânica dos estadistas de ocasião”.

A teoria do Homem Superior se opõe radicalmente à filosofia marginal daquele “mendigo original” de que falou João do Rio na crônica de mesmo nome.

Enquanto o mendigo é *blasé*, e não se encaixa nesse frenesi desenfreado pelo dinheiro e posição, o Homem é esse prestígio, seu corpo responde por esse frenesi. Ele é consequência imediata desse sistema que visa o lucro e a rapidez em últimas instâncias. É a época do recorde das velocidades e do domínio total das máquinas sobre a humanidade, com a idéia do advento das máquinas de escrever, de contar, de pensar.

Nesse futuro não muito distante, apercebe-se o extermínio da conversa, quando há muito as relações e os cumprimentos já tinham se reduzido bastante. Agora, “não se conversa, o sistema de palavras é por abreviatura” (Rio, 2006:300), afirma João do Rio, prevendo um sistema que hoje é muito utilizado. Há um receio do próximo e uma desconfiança generalizada. As visitas são “telefônicas” (Rio, 2006:300). Sua crônica é notadamente, e toda ela, muito atual.

Segundo a crônica, as gentes deixaram de ser gente para se tornar aparelho. Estabelece-se uma hierarquia e com ela a discriminação. Todos querem ser melhores, todos querem ser chefes. Neste futuro fictício do cronista, percebe-se uma mudança de consciência e de prioridades. Não se escuta mais música, pois era considerada demasiado enervante; é a provação dos instintos pelo excesso de estímulos sensoriais. Os sentimentos são estrangulados pela racionalidade.

Pode-se constatar a agravante falta de descanso do corpo, funcionando como uma legítima engrenagem. Com isso os males da saúde, as doenças e a vida curta. “Uma ambição desvairada é o que impele o homem violentamente; querer apenas, sem outro fim senão o de querer” (Rio, 2006:304).

Era esse o estado das coisas no universo de “O dia de um homem em 1920”. Estado do medo convulsivo, do atulhamento de gente, da “vertigem das alturas” (a ânsia de ganhar mais, de crescer, de se tornar superior, do invento do avião entre outros). “Diante desses sucessivos inventos e da nevrose de pressa hodierna, é fácil imaginar o que será o dia de um homem superior dentro de dez anos, com este vertiginoso progresso que tudo arrasta...” (Rio, 2006:297), afirma categoricamente João do Rio.

- **Conclusão**

Seja por meio de crônicas que tratassem dos aspectos mundanos de uma sociedade, seja pelo testemunho das mazelas urbanas de uma cidade que se queria civilizada, João do Rio narrou a trajetória da capital da República do começo do século XX, de centro patriarcal para metrópole moderna. O cronista fez parte, contou e ajudou a criar a História do Rio de Janeiro.

Através das crônicas que escrevia para diversos periódicos, a população tinha acesso a uma literatura livre de preconceitos e paradigmas, quando ainda a própria cultura tentava libertar-se deles.

João do Rio se revezava em diversas facetas de sua personalidade para conseguir captar todos os aspectos daquela sociedade que estava, segundo ele próprio, “caminhando para a consolidação de um tipo definitivo”. Desta forma, ele conseguiu ler o que se ocultava por detrás daquela imagem de urbe pré-moderna, e o seu trabalho nos permite, hoje, compreender melhor como se deu o processo de transformação da cidade do Rio de Janeiro em símbolo moderno de um país em ascensão.

O livro, com seu caráter de testemunho histórico, apresenta uma proposta e possui um sentido que vai muito além de uma coletânea de crônicas. A obra é um retrato da sociedade carioca e das transformações que ocorreram na mentalidade, na estética e nos hábitos cotidianos da população, durante um período de extremas mudanças.

Nas páginas do livro, as crônicas se afastaram da efemeridade dos jornais. No novo suporte, submeteram-se apenas à linha condutora da obra, à organicidade interna do volume. Os fragmentos, outrora, possuidores de significados distintos, agora se articulam construindo novos sentidos.

Os encantadores e a canalha são protagonistas das narrativas que integram *Vida Vertiginosa*. A euforia causada pelo novo e a nostalgia pela lembrança do antigo são sentimentos incorporados nos personagens de João do Rio, que tenta, com efeito, revelar os mistérios escondidos por trás da *belle époque* carioca.

João do Rio não se deixava intimidar por diversificações culturais ou tabus. O livro em questão e toda a sua obra comprovam isto. As suas narrativas demonstram o prazer que tinha com o que fazia, em retratar as pessoas e seus costumes, e o seu encanto pelo lado mais belo e extasiante da vida, o das coisas simples e cotidianas.

Paulo Barreto, um dos mais significativos e notáveis cronistas de nossa literatura, soube usufruir intensamente de todos os regalos que a vida pôde proporcionar; viveu e viveu para contar. Como diria João do Rio, “viver é interessar-se com entusiasmo pelo assombroso espetáculo da vida” (Rio, 2006:19).



- **Bibliografia**

BROCA, Brito. *A Vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio* / por Renato Cordeiro Gomes. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

\_\_\_\_\_. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_. *João do Rio: vielas do vício, ruas da graça*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: RioArte, 1996.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NEVES, Margarida de Souza. Brasil, acertai vossos ponteiros. In: *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: Museu da Astronomia e Ciências Afins, 1991.

\_\_\_\_\_. O povo na rua, um conto de duas cidades. In: PECHMAN, Robert Moses (org). *Olhares sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

NOVAES, Aline. Cinematographo: muito além de uma coletânea de crônicas. Monografia do Projeto Experimental em Jornalismo, PUC-Rio: Departamento de Comunicação Social. Rio de Janeiro, 2006. (mimeo)

RIO, João do. *Vida vertiginosa*. Paris: Garnier, 1911.

\_\_\_\_\_. *Vida vertiginosa*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *A alma encantadora das ruas*. Paris: Garnier, 1908.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio*: catálogo bibliográfico. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In: *História da vida privada no Brasil* - República: da Belle Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. A capital irradiante: técnica, ritmo e ritos do Rio. In: \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_. A inserção compulsória do Brasil na Belle Époque. In: \_\_\_\_\_ (org). *Literatura como missão*: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.